

S E R M A M

DA

DOMINGA QVINTA
DA QVARESMA,

AS Magestades Reaes
em sua Real Capella.

PREGADO

Pello P. M. Fr. CHRISTOVAM D'ALMEIDA
Religioso dos Eremitas de S. Agostinho, Do-
ctor na Sagrada Theologia, Prégador de S. A.
Calificador do S. Officio, Examinador das
Ordens Militares. *Digno de Memoria.*

Segunda Impressam.



EM LISBOA.

Na Officina de IOAM DA COSTA.

A custa de Domingos Carneiro Mercador de Livros.

M. DC LXXI.

Com todas as licenças necessarias.

Ordens Militares. *Ordens de S. Bento.*



EM LISBOA

No Officio de João da Costa

M. DC. LXXI

Comissão de História e Geografia



Quis ex vobis arguet me de peccato? Si veritatem dico vobis quare non creditis mihi.

Ioann 8.



Ada sabe temer a Innocencia (muito altos, & muito poderosos Reys, & Senhores nosos) Nada sabe temer a Innocencia: de tudo se recea o delito. He taõ animoso hum justo, ainda entre os maiores perigos, como he cobarde hum culpado entre as seguranças maiores.

Que descançado dormia S. Pedro em o carcere prezo com cadeas, rodeado de soldados, & condenado a morrer. *Et erat dormiens inter duos milites vincetus catenis duabus.* ^{Actor e.} E que inquieto descançava Nabuco em seu palacio assistido de guardas, & lisongeado de grandes em o auge de reinar: *Cogitationes meae Dan. 6.4. in statu meo, & visiones capitis mei conturbauerunt me.* Parece na verdade, que se trocaraõ as sortes, que véla temeroso, o que auia de dormir descançado, & que dorme descançado o que auia de velar temeroso. Porque quem podia temer menos que hum Rey assistido de guardas, que lhe defendiaõ a vida, & quem podia temer mais que hum homem rodeado de soldados que lhe assegurauaõ a morte? Mas eu já vejo a razão Naõ temia Pedro entre os riscos, porque era innocente; temia Nabucho entre as seguranças, porque era culpado: he taõ cobarde o delito, como animosa a Innocencia, por isso naõ descança Nabucho inquieto entre os regalos do Paço, por isso dorme Pedro seguro entre os horrores do carcere: *Et erat dormiens inter duos milites vincetus catenis duabus.*

E supposta esta verdade taõ certa, supposto que he o temor consequencia do delito, & a confiança argumento da Innocencia: se o odio naõ tiuera aos Iudeos taõ obstinados, se a

enueja os não trouxera tão cegos, bem virão elles nesta ac-
 ção que Christo hoje faz, como era sua vida justificada, & sua
 doutrina verdadeira. Tratauaõ os Principes de Ierusalem, &
 os grandes de Iudea de dar a Christo a morte porq̃ lhe préga-
 gava defenganos, & porque lhe dizia as verdades: Se as dizia
 na Corte, claro está, que este fim auia de ter a sua prègação,
 & esta correspondencia seu zelo: Soube Christo estes inte-
 ntos dos Iudeos, & quando parece que lhe auia de fugir, esteue
 tão longe de o fazer, que antes os foi buscar para se justificar
 a si, & para os reprehender a elles. *Quis ex vobis arguet me de
 peccato?* Eis ahi a justificação de Christo: *Si veritatem dico vobis
 quare non creditis mihi;* Eis ahi a reprehensão dos Iudeos;
 justificouse o Senhor, primeiro que os reprehendesse; O que
 grande exemplo deixou Christo ao mundo nesta acção! Mas
 não sei se foi esta doutrina bem recebida, porque a não vejo
 muy praticada, antes muito ao contrario; Justificouse a In-
 nocencia para arguir a maldade, & no mundo sem se justifi-
 car a maldade quer arguir a Innocencia; O que injusta cõ-
 dição dos homens! Que escandalosa sem razão da natureza!
 Não ha duuida logo, que suposto os intentos dos Iudeos,
 que era para temida a occasião, & para receado o perigo; mas
 se não sabe ter temor hum innocente, como auia de temer a-
 quelle Senhor que era a mesma santidade, que era a mesma
 Innocencia? Bem digo eu logo que se o odio não tiuera tão
 cegos aos Iudeos que nesta acção de Christo os ir buscar a
 elles para os reprehender, quando elles buscavaõ a Christo
 para o matar virão sua innocencia claramente, porque argu-
 mento era mui eficaz, proua era mui verdadeira, de que não
 lhe deuia nada quem os temia tão pouco, & que estaua mui
 innocente quem não sabia temer amiaçado. Mas como a in-
 ueja cega os olhos da razão, como o odio arrasta as euiden-
 cias do discurso, que muito que não bastasse esta acção para cõ-
 uerter, & confundir aos Iudeos, se elles enuejauaõ, & abor-
 recião a Christo. O Euangelho deste dia chama-se o da Pai-
 xaõ, não só porque he lastimoso, senão tambem porque he cõ-
 prido.

prido, & assi que se eu quizerá explicar todas as suas circumstancias: não me ficará lugar para os discursos; entremos logo com elles, que ainda que a mim me faltou o tempo, não me faltará a materia, na justificação de Christo para com os Iudeos, & na incredulidade dos Iudeos para cō Christo.

Quis ex vobis arguet me de peccato:

Todos os expositores deste Euangelho se admiraõ muito de que Christo sendo Deos se justifique hoje com os homens sendo a mesma Innocencia, se exponha ao exame da maior maldade: Isto he o de que hoje se admirão todos, mas se eu hei de dizer o que sinto; a mi não me admira nesta justificação mais que somente huma circumstancia. Que Christo se justifique hoje com os cortezaõs de Ierusalẽ muito embora, que razão de estado he mui antiga em Deos o tratar de parecer bem aos olhos dos homens, quando os homens tem por razão de estado o não parecer bẽ aos olhos de Deos. Mas que justifique Christo de maneira que se justifica, isso só he o que me espanta. Pergunta Christo aos Iudeos se auerá algum delles que o possa accusar de culpa, que o possa arguir de peccado? *Quis ex vobis arguet me de peccato?* Grande materia para espanto! singular motiuo para admiração! Difficulto desta maneira; Estes mesmos homens a quẽ Christo faz esta pergunta, não o tem (ainda que falsamente) arguido de tantos peccados? Não tem dito do Senhor, que se faz Rei sem o ser, que perturba toda Iudea introduzindo novas doutrinas, que lança demonios fõra em virtude do demonio, que não obserua os sabbados, que quebranta as leis, que altera os costumes, & que quer valer com hypocrisia? Assi o tem dito não só por huma vez, senão por muitas.

Isto tudo, ainda que não sejam culpas verdadeiras (que em Christo era impossivel) não são culpas arguidas? Quem o poderá negar? pois se isto assi he, como pergunta Christo á quelles mesmos que o tem arguido de tantas culpas, se auerá

algum delles que õ argua de peccado? O que singular fineza do amor de Christo! Assi se ha Christo, ou assi o faz auer seu amor no conhecimento de nossas culpas, como se não tiue- ra dellas nenhum conhecimento. Bem sabia Christo, que auia em Ierusalem queixosos, que condenauam sua vida, calumnia- uam suas obras, & que o arguião de culpas, mas como quer que o arguirem os homens de culpas a Christo era huma culpa dos homens, hase de tal sorte o Senhor, que como se nem ainda fosseitara os peccados de que o arguiaõ, pergunta hoje se ha algum que o argua de peccado. *Quis ex vobis arguet me de peccato?* Esta he a propriedade do amor em cõtra- posição da propriedade do odio, que assi como o odio na acção que póde desacreditarnos faz da sospeita sciencia, assi o amor na accão que póde desluzirnos da sciencia, não acer- ta a fazer sospeita.

Joan. 6.18

Quando a Christo o vieraõ a prender seus inimigos, diz o Euangelista S. Ioaõ, que sabẽdo o Senhor mui bem tudo o que lhe auia de succeder, lhe faira ao encontro, & lhe perguntara a quẽ buscavaõ: *Sciens omnia quæ ventura erant super eum proces- sit, & dixit? Quem quaritis?* Parece na verdade, que se implica no módo de fallar o Euangelista: porque se Christo sabia mui bem que os Iudeos o buscavaõ: *Sciens omnia quæ ventura erant super eum.* Como diz S. Ioaõ que o perguntou? *Quem quaritis?* E se o perguntou como o sabia? como se póde concor- dar esta pergunta com aquella sciencia, se a sciencia se de- stroe pella pergunta? quem pergunta dà indicio de não saber, que quẽ sabe não tem necessidade de perguntar: Pois se Christo tem taõ inteira sciencia dos intentos dos Iudeos, pa- raque lhe pergunta a quem buscaõ, & se lhe pergunta a quẽ buscaõ, como tem sciencia de seus intentos: *Sciens omnia quæ ventura erant super eum.* He entre exposito: es singular a diffi- culdade, mas suposto o que temos dito, pareceme a mim que desta vez auemos de dar a razaõ: Verdade he, que sabia mui bem Christo: que os Iudeos o buscavaõ para o prender, mas como o buscar a Christo para o prender era hũa culpa dos

Iu-

Iudeos, assi se ha o Senhor no conhecimento desta culpa, que tendo della hũa grande sciencia: *Sciens*; parece que não acertava (digamolo assi) não acertava, seu amor a fazer desta sciencia grande, nem ainda hũa presunsaõ muito leue, não acertava a presumir aquella mesma culpa, que não podia ignorar, por isso sabemos mui bem o que perguntava, assi o perguntou como se o não soubera: *Sciens: processit, & dixit: Quem queritis?* Homens a quem buscais? Quanto aos olhos humanos muito parece que se implica esta pergunta de Christo, com a sua sabedoria; mas com seu amor junto a sabedoria não se implica, porque assi como o odio dos Iudeos nas culpas que falsamente impunhaõ a Christo, da sospeita fazia sciencia, assi o amor de Christo nesta culpa dos Iudeos, quiz mostrar, que da sciencia não acertava a fazer sospeita; por isso os Iudeos o prendem; por isso Christo pergunta: *Quem queritis?* O cegueira do amor! O perspicacia do odio! Em a esfera do odio (quando he de culpa o conhecimẽto) ordinariamẽte não ha aquillo que se vé, & na esfera do amor não se ve aquillo que ha.

Bem se vio entaõ, & bẽ se vé hoje no odio dos Iudeos, & no amor de Christo; que esta propriedade só se podia achar em tal amor, & em tal odio: Christo sabendo hoje a culpa que os Iudeos cometiaõ em o arguir de culpa, assi se ha como se nẽ ainda o sospeitara: *Quis ex vobis arguet me de peccato?* E os Iudeos sospeitando só, & falsamente culpas em Christo, assi procedem como se as souberaõ: *Nunc cognouimus quia Samaritanus es tu, &c.* Mas que muito que assi seja, se Christo amava, & elles aborreciaõ: Bem podera eu seguir largamente esta materia, que muito podia dar de si para a doutrina, mas vamos a outra razaõ mais propria deste lugar. Queixãose os Iudeos que Christo não obserua as leis, que altera os costumes, que não guarda os sabbados, & não faz Christo caso de nenhuma destas queixas, para ensinar aos principes do mudo com este exemplo, que nẽ de todas as queixas haõ de fazer caso. Christo a fazer milagres, Christo a resuscitar mortos, Christo a curar enfermos, Christo a desuelarse pello remedio de Iudea, &

Iudea

Iudea a queixarse de Christo, & auia o Senhor fazer caso de taes queixas, auiaõlhe de dar cuidado taes culpas? Isso não o quiz fazer o Principe da gloria, para que despois o fizessem tambem assi os Principes do mundo; se aos Principes, se aos Monarchas lhe ouueraõ de dar cuidado todas as queixas, fora o ceptro hũ martirio, fora a coroa hũa morte, por isso para Christo os liurar deste grande tormento, que os esperaua, não faz hoje nenhũ caso das culpas de que o arguiaõ, antes co mo se de nenhũ peccado o tiueraõ arguido : pergunta se ha alguẽ que o argua de peccado? *Quis ex vobis arguet me de peccato?*

Hora a mim não me empatou tanto o não satisfazer Christo às queixas dos grandes de Ierusalem, como o fazerem os grãdes de Ierusalem queixas de Christo. Vinde cá gente ingrata, condições peruerfas, animos obstinados, Christo não se desuella, Christo não vos ensina, Christo não vos remedeia? digaõno os prodigios que obra, os enfermos que sara, os mortos que resuscita. Pois se isto assi he, de que vos queixais? Dice alguẽ que se queixauão estes homens porque erãõ Fariseos, mas eu digo, que se queixauão estes Fariseos, porque erãõ homens: He a queixa hũ mal da nossa vontade, he hũ achaque da nossa natureza, cujo remedio he tão difficultoso, ou para dizer melhor, tão impossuvel, que só então deixaremos de nos queixar quando deixarmos de ser homens, & queixosos homens, & descontentes vê a ser tanto a mesma cousa, que o dizer, que he homẽ, quem não anda descontente, o dizer, que he homẽ que não he queixoso parece hũa implicação, ainda na penna de hũ Euangelista. Reparei eu muito quando li o Euangelho de Domingo passado, em que disse o Euangelista S. Ioaõ, que embarcando se Christo, o seguira hũa grãde multidaõ, se que explicasse de que era esta multidaõ, que o seguira. Dizem assi as palauras: *Abijt Iesus trans mare Galilee, & sequebatur eum multitudo magna.* Passou se o Senhor alem do mar de Galilea, & logo o começou a seguir hũa multidaõ muito grande, & *sequebatur eum multitudo magna.* Notauel módo de dizer por certo! Pergunto. Esta grande multidaõ, que se-

guia

guia a Christo, não era de homens? si era; pois porque o não diz assi o Euangelista: Contalhe a acção, & dissimulhalhe o nome *multitudo magna*. Que misterio terá este silencio?

O que tem este silencio hum grãde misterio. Hora notem: auia de dizer S. Ioão despois, que esta multidão recebendo não ficará queixosa, antes contente: *vt autem impleti sunt*; por isso não quis dizer de antes que era multidão de homens, porque, auer homens que se não queixem, auer homens que se satisfação, assi como he hũ impossivel para a execução, assi parece hũa implicação para o credito. Que haja homens, que por mais que recebam ficão queixosos, isso facilmente se achará no mundo, antes nenhuma cousa se achará senão isso: mas que haja homens que recebendo ficarão contentes, esse prodigio achase, & crece muito difficultosamente; ainda que seja hum Euangelista o que o escreua, ainda que seja hum S. Ioão o que o persuade: Milagre he este de contentar homẽs que Deos costuma fazer poucas vezes; antes não lemos fizel-se mais que nesta occasião este milagre. Por isso não diz S. Ioão esta multidão de que era, porque auia de dizer, que lhe contentara.

Se não reduzamos breuemente a exemplos esta verdade: Digãome a quem fez Deos maiores fauores, que aos filhos de Israel sem poder nunca euitar queixas, sem poder contẽtalos nunca. Aparece o Senhor no monte Horeb abraçado em huma sarça, quando elles padecião no E gypto; despede dahi embaixadores a Faraó, obra por elles milagres tao espãtosos que atemorisarão ao Rey, & assombrarão o mundo, multiplicado castigos, conuertendo o Nilo em sangue, tirado a vida aos primogenitos, & finalmente fazendo outros muitos maravilhosos prodigios, té que libertou aquelle pouo ingrato cõ o poder de sua mão omnipotente: despois de liure encaminhao para a terra da promissão, diuidelhe as agoas do mar vermelho, a huma, & outra parte, para poderem passar a pé enxuto: assistelhe com huma nuuem fresca no verão, para resistirem aos ardores do Sol, com huma coluna de fogo no

inuerno, para se repararem do rigor do frio, chouelhe Manà do Ceo, todos os dias, não só para o sustento, senão também para o regalo, & finalmente fazlhe taes fauores, que se eu me quizera por a referilos, gastàra nisso todo o tempo: suposto isto: pergunto agora assi; Podia Deos fazer por estes homés mais finezas, que as que fez, podião mostrar-se mais fauorecidos de Deos, do que se virão? parece que não: pois com isto ser assi, com Deos se mostrar tão cuidadoso, com elles se verem tão fauorecidos, não deixarão de vir queixosos: *Bene nobis erat in Aegypto*; mas vinhão queixosos porque erão homens: pode Deos remedialos, mas contentalos, isso só não póde. Em quanto Deos nos não mudar a natureza, não nos tirará o queixume. Falou alta & acertadamente hum grande Juizo, quando dice, que produzia a terra espinhos, porque era terra, a guerra oppressoens, porque era castigo, & a necessidade queixas, porque erão homens os queixosos; digo que falou acertadamente, porque por mais igualdade que haja, por mais justiça que se execute, sempre nos auemos de queixar, porq̃ nos não queixemos por razão queixamomos por natureza, & quando he natural o achaque, tem muito difficultoso remedio. Mas com a queixa ser em nos hum mal tão grande, não fei eu se quereremos nos liurarnos deste tão grande mal: Para o imaginar assi, tenho razão, & tenho proua.

A razão he, porque se paga cada hum de nós, tanto mais da sua queixa, que do seu remedio, que deixara de aceitar o remedio só por fazer hũa queixa. Vamos à proua. Entrou Christo naquella piscina, cujas agoas mouidas por hum Anjo dauão faude; & achou ali hum paralitico, que por não ter hũ homem, como elle mesmo confessou, auia muitos annos que padeçia. O quanto disto se acha no mundo! ainda que seja hum anjo o que reparta, se vós não tiueres homem, não aueis de entrar na piscina; mas isto não he do caso, tornemos a elle. Vio Christo o enfermo, seguiose logo à vista a compaixão & á compaxão o remedio, poré foi com huma circunstantia porque lhe perguntou primeiro o Senhor se queria ter faude:

Vis sanus fieri? E que lhe respõderia o paralitico? deulhe hũa nõ: tauel reposta? Senhor eu sou tão desgraciado (lhe respõdeo a Christo o enfermo) Eu sou tão desgraciado, q̃ não tenho homẽ; *Domine hominem non habeo*. Homẽ isso respondes? a que vẽ esta reposta, àquella pergunta? Christo perguntate se queres que te cure, & tu sem lhe aceitar o offercimento, começalhe a fazer queixas? deixa agora as tuas queixas, & pedelhe a Christo o remedio. Isso fizera o paralitico se não fora homẽ, mas como era homem este paralitico, pagauale tanto mais de sua queixa, que do seu remedio, que deixaua de pedir a Christo o remedio só por lhe fazer huma queixa: *Hominem non habeo*. Christo o offerecerlhe a saude, & elle a queixarse a Christo, mas se era homem, que auia de fazer se não queixarse, se não fizera esta accção desmentira a natureza. E que nos queixemos nós, não por aquillo que padecemos, senão por aquillo que somos! O miseria tanto para sentida! O lastima tanto para chorada! Sabem quanto he isto assi, quanto nos pagamos de ser queixosos, que se pode duuidar se aceitaremos o remedio para a queixa, quando a queixa pode cessar com o remedio. Tornemos breuemente ao paralitico, & por aqui acabarei com esta materia Resolueose Christo a curalo, & fazerlhe primeiro esta pergunta: *Vis sanus fieri?* Homem queres que te cure? Estranha pergunta por certo! & ainda em Christo, que não fazia nada acafo, mas estranha. Senhor a hũa homem que ha trinta, & oito annos, que està enfermo perguntais se quer ser curado? disso podese duuidar: Si podese duuidar muito disso, porque como aquelle paralitico com a saude se podia tirar a justa occasiãõ para a queixa, entendeo Christo, que só por mostrarse queixoso, não queria estar saõ, só por fazer huma queixa não aceitaria a mesinha, por isso lhe pergunta se quer saude antes q̃ apliqueo remedio. *Vis sanus fieri?*

O doença insofriuel da nossa vontade! O mal grande da nossa natureza! mal grande por todos os titulos, porque he mal com que estamos bem, he mal que não tem rasão, & he mal que não tem cura. Digo que não tem cura este mal, porq̃

nós só entã estaremos contentes, quando se nos der, não conforme ao nosso merecimento, nem conforme à nossa necessidade, senão conforme a nossa cobiça, & para fartar a sede a huma cobiça humana, parece que não basta, nem ainda a grandesa de huma Omnipotencia diuina: por isso eu digo, que só entã deixaremos de ser queixosos quando deixarmos de ser. Mas iaua Deos no Exodo, que os filhos de Israel não colhessem do manã mais que aquillo que bastasse para o sustento daquelle dia: *Colligat que sufficiunt per singulos dies.* Pois se o manã choue por milagre para que lhe poem Deos esta tax? porque lhe não diz que receba cada hum conforme o seu dezejo, senão conforme a sua necessidade? O que dà não he hum Deos omnipotente? Pois para que são necessarias na repartição estas cautelas? Podia se dar caso, que o manã faltasse por mais que os Israelitas colhessem? Si si, parece que se podia dar caso, porque ainda que era hum Deos omnipotente o que daua, erã os homens os que recebiam, & como quer que os que recebiam erã homens, parece (digamolo assi) parece que receou Deos que lhe faltaria o manã se esses homens o colhessem conforme a sua cobiça, & não conforme a sua necessidade, & não lhe acode à cobiça: *qua sufficiunt per singulos dies.* Porque para fartar a cobiça de hum homem, parece que não podera bastar nem ainda a omnipotencia de hum Deos. Daqui; daqui nace as nossas queixas: daqui vem o não auer Rei por mais que seja justificado, que não tenha vasallos queixosos; Não queremos remediar a necessidade, queremos remediar a cobiça, entã como a cobiça humana tem o remedio impossivel, queixamonos sem razão culpamos sem fundamento; senão vejamolo em Christo, q̄ por mais igualdades que guardou, por mais beneficios que fez, não pode euitar queixas, não pode fugir a censuras, mas como erã censuras sem razão, como erã queixas sem fundamento, não fez dellas nenhum caso, & assi como se estes homens o não tiuerã arguido de culpa, lhe pergũta hoje se auerã algum delles, que o argua de peccado? *Quis ex vobis arguet me de peccato?*

Depois que Christo fez aos Judeos esta pergunta, come-
 çou logo a persuadir-lhes sua doutrina, *Si veritatem dico vobis,*
quare non creditis mihi? Se eu vos digo as verdades (prosegue
 o Senhor) porque não credes em mim. Em grande materia
 entramos: duas cousas intentou Christo nesta occasião, justi-
 ficar a sua innocencia, & provar sua diuidade. Eu não posso
 reparar agora em tudo que não quizera parecer comprido,
 na prova da diuidade só mête reparo, & digo desta maneira.
 Quer Christo provar sua diuidade aos grandes de Judea; &
 toma por meio o dizer-lhe verdades? *Si veritatem dico vobis,*
quare non creditis mihi? Isto que argumento he? Não resusci-
 tou o Senhor ontem a Lazaro morto de quatro dias? Si por
 certo. Pois se lhe quer mostrar sua diuidade a estes homens,
 porque lhe não diz que o conheçaõ por Deos porque resusci-
 ta mortos, senão que o tenhaõ por Deos, porque lhe diz ver-
 dades? Sabem porque? porque Christo nesta occasião tratou
 de provar sua diuidade com o maior prodigio, & o prodigio
 maior de Christo, parece que não estaua tanto em resuscitar
 os mortos, que resuscitou, como em dizer as verdades a que
 as dizia; fallava Christo cõ Principes, fallava com grandes
 (que prégava o Senhor na Corte) pois para provar que Deos
 não diga que tem tal poder, que restitue vidas, senão que tẽ
 tal valor, que diz verdades, porque a Reis, a grandes, a pode-
 rosos he maior prodigio dizer huma verdade, que restituir
 huma vida. Grande lugar se me não engano. Manda Christo
 a seus Discipulos a prégarem por esse mundo, & fallalhe desta
 maneira: *Infirmos curate, mortuos suscite*: A estas palauras a-
 crecenta logo outras que são compridas mas notaueis.
Ad praesidia (acrecenta o Senhor) *& ad Reges ducemini prop-*
ter me, cum autem tradent vos nolite cogitare quomodo, aut quid lo-
quimini, dabitur enim vobis in illa hora quid loquamini, non enim
vos estis qui loquimini, sed Spiritus Patris vestri. Hũas, & outras
 palauras vem a fazer este sentido: Discipulos meus ide por
 esse mundo curar enfermos, resuscitai mortos, poreis aduer-
 ti que quando vos vires diante de Reis quando pregares diã-

Mat. c. 10.

te de Principes não cuideis no que lhe aueis de dizer; por quanto nesta occasião Deos he o que ha de fallar. *Non enim vos estis qui loquimini, &c.*

Pois valhamè Deos! fia Christo de seus Discipulos a resurreição dos mortos, a faude dos enfermos, & o fallar diante dos Reis não o fia de seus Discipulos? Pergunto: qual he mais dar vida aos mortos, ou fallar aos Reis? A esta pergunta respondo com distincção: mais he resuscitar mortos, que fallar a Reis: mas dizer aos Reis as verdades, que neste sentido fallaua Christo, he mais que dar vida a mortos; dizer a hum Rei hũa verdade he maior prodigio que dar a hum morto huma vida. Por isso para o dar assi a entender ao mundo, fiando Christo de seus Discipulos o milagre da resurreição: *Mortuos suscite: Noli cogitare quomodo, aut quid loquamini.* Auião os Discipulos de Christo, (que a isso os mandaua o Senhor) de persuadir aos Reis do mundo seus erros, tiralos de sua idolatria; emmendalos da torpeza de suas culpas; mostrarlhe a cegueira de seu engano, prègarlhe seu Euágelho; reduzilos a sua igreja, & finalmete auiãolhe de dizer as verdades; pois este prodigio não o he Christo de homens, porque homens não pôdem fazer tal prodigio: *Nolite cogitare quomodo, aut quid loquamini.* Resuscitai muito embora mortos, que esse milagre bem o poderá fazer quem he homem, mas eu direi aos Reis as verdades: *non enim vos estis qui loquimini;* porque essa marauilha sô quem he Deos a pôderà fazer. Assi se ouue Christo com seus Discipulos quando os mandou a prègar pello mundo, & assi se tinha já tambem auído Deos com Moyses quando o mandou à Corte de Faraò: *Perge igitur* (the diz o Senhor dentre os incendios da sarça) *perge igitur ego ero in ore tuo;* O lá Moyses ide muito embora ao Egypto, & bem podeis hir com toda a confiança, porque quando fallares ao Rei, meu ha de ser o arreloado; *Ego ero in ore tuo:* Eu sou o que hei de dizer, eu sou ó que hei de fallar, de sorte, que no Egypto Moyses ha de executar as as marauilhas, & Deos ha de dizer as verdades.

Si, que como se auião de dizer a Faraõ, que era Rei, isto de dizer verdades a Reis he milagre, que quem for homem (como era Moyses) não poderà fazer, só quem for Deos o pode executar, por isso Deos he samente o que falla, quando he Moyses o que obra: *Ego ero in ore tuo.*

O que bem apertou Christo hoje este argumento: *Si veritatem dico vobis, quare non creditis mihi?* Se eu vos fallo verdades, porque não credes que sou Deos. Pois Senhor, só por isso haõ de crer estes homens que sois Deos, porque fallais as verdades? Si, que sendo elles Principes, sendo elles grandes como saõ, só quem for Deos lhe pode dizer as verdades, que lhe digo: quer Christo prouarlhe sua diuidade, & argumentalhe com o mayor prodigio, & o maior prodigio de Christo não estaua em restituir vida a mortos, senão em dizer verdades a Principes. Eu não digo, nẽ me vẽ à imaginação dizer tal; que não se dizem muitas verdades aos Principes, só digo, que fazendo Deos a verdade para o objecto do entendimento, & não da vontade, aos Reis, que se lhe dizem as verdades á vontade, & não se lhe dizem ao entendimento: Expliquemonos melhor, não se lhe dizem as verdades inteiras dizemselhe as verdades partidas, por isso os Reis se perdem, por isso as Monarchias se acabaõ; verdades que lisongeão defas tem os Principes muitos. Euangelistas, porem de verdades que custão, he impossivel que hum só Euangelista se ache: Mas que digo eu verdades: Em materias que póde offender o gosto do Principe, não só não ha quem lhe diga as verdades, mas nem ainda ha quem lhe acerte a dizer as mentiras, quando ao Principe lhe era conueniente saber das mentiras, & das verdades, das verdades para a emmenda, & das mentiras para a cautella: Não ha Principe no mundo por mais inteiro que seja, que o não arguão de faltas, porque he homem, & porque governa a homens, porem nem todas as faltas do Principe saõ verdadeiras, nem todas saõ mentirosas, se todas forão mentirosas, fora o Principe hum Deos, & se todas forão verdadeiras, não forão homens os vassallos: fora o Principe hu

hum Deos, se todas as suas culpas forão mentirofas, porque fó Deos he impeccau el por natureza & não foraõ os vassallos homens se todas forão verdadeiras, porque os homens dizem mal por inclinaçãõ: Dico Seneca discretamente.

Senec.

Epist. 4. ad

Luc.

Male loquuntur de te homines, bene enim loqui nesciunt: non faciunt quod mereris, sed quod solent. Dizem os homens de vos mal, porque não sabem dizer bem, não fazem o que vòs lhe mereceis, senão o que elles costumão.

E assi como os vassallos são homens, & os Principes não são Deoses, he força que haja faltas, & que nellas haja mentiras, & haja verdades, porem tambem he força, que o Principe não saiba nem das mentiras: podem ellas, ainda que sejaõ mentiras offenderlhe o gofsto? Pois ha selhe de ter hũ grande segredo. Là perguntou Christo hum hora a seus Discipulos, pello que diziaõ os homens de seus procedimentos. *Quem dicunt homines esse filium hominis?* E como eraõ varios os pareceres, foraõ tambem diferentes as respostas: porque huns responderaõ, que se dizia que Christo era o Precursor, outros que se affirmava ser Elias, & finalmente tinhaõ outros por opiniaõ, que o Senhor era hum dos Profetas. *Alij Ioanem Baptistam, alij autem Eliam, alij Hyeremiam, aut unum ex Prophetis* Deixando a resposta de S. Pedro, que agora me não serue, reparei muito, em que dizendose mais de Christo, & sabendo muito bem seus Discipulos o mais que se dizia do Senhor não lho quizeraõ dizer: digo que se dizia mais de Christo porque tambem se dizia (ainda que falsamente) que o Senhor não guardava aos sabbados, q̄ quebraua as leis, q̄ era feiticeiro, & que era endemoninhado. Pois se Christo perguntava a seus Discipulos, que opinaõ tem os homens de sua vida? Porque não dizem elles a seu Mestre tudo o que de sua vida diziaõ os homens? porque lhe não dizem tambẽ que lhe chamam feiticeiro, que lhe chamaõ endemoninhado, que o arguem de quebrar as leis, & de não guardar os sabbados? Isto tudo não eraõ mentiras? pois porq̄ as não dizem ao Senhor? **Querem ouvir porque?** porque ainda que estas culpas de
que

Mat. c. 16.

que arguiaõ a Christo eraõ mentiras, entenderaõ os Discipulos, que lhe poderiaõ offender o gosto, por isso lhe tiueraõ taõ grande segredo. Que Christo he hũ Percursor, que Christo he hum Elias, que he finalmente hum Profeta, isso como o não podia offender logo lho dizem, porem que Christo he feiticeiro, que he Samaritano, que he endemoninhado, essas mentiras como o podiaõ molestar, não lhas quizerãõ dizer. O como estaõ cheas as cortes do mundo destes Euangelistas! Verdades ou mentiras, que pòdem lisongear ao Principe todos as dizem, mas mentiras, ou verdades, que o pòdem offendere, todos as calam. Fazendo Deos a verdade para se dizer ao entendimento, deo o interesse humano em a dizer á vontade por isso auendo tãtos, que arguaõ de faltas aos Principes, não ha hum que lhe queira aduertir huma falta. Mas que bem estava Saul, nesta humana ou de humana politica, quando fez a Deos esta petiçaõ; *Si in me est iniquitas hæc, da ostensionem, si in* 1. Reg. c. 14 *populo tuo da sanctitatem.* Senhor, diz o Rey fallando cõ Deos, se o vosso pouo està culpado santificaio, & se eu vos tenho offendido dizeimo: Para saber hũa falta sua perguntou Saul a Deos, porque isto de dizer a falta ao Rei, não o sabe fazer nenhum homem: O principe para lhe dizerem as suas faltas há de recorrer ao Ceo, porque se não faz este milagre na terra: *Si in me est iniquitas hæc, da ostensionem.*

Podeo essa verdade desgostar? pois quem lha ha de dizer: tanto respeito tem os que andaõ ao lado dos Principes a seu gosto, porque tem a sua conueniencia grande respeito, daqui vem o não auer Principe que tenha hum só vassallo verdadeiro, tendo muitos vassallos fieis: Não se repare no modo de dizer, porque eu faço grande differença de vassallos fieis a vassallos verdadeiros: Vassallo fiel he aquelle que tem ao Rei affeição; Vassallo verdadeiro he aquelle que lhe diz as verdades, destes não ha hũ, daquelles auerã muitos. Mas nesta materia não he só este o maior mal que ordinariamẽte se acha no mundo: a mais se estende, muito auante passa, porque não só se não contentaõ os homens com çallar, senãõ com adul-
 C terar

terar as verdades: Aquillo que se notou como falta, dizem ordinariamente aos Principes, que se canonisou por acerto, & por lhe euitarem hum sentimento os querem tratar com engano. O quanto disto padecem os Monarchas, os soberanos do mundo! Sendo mais duro de sofrer a quem sabe bem sentir hum engano, que huma morte; quantos se deixão viuer enganados, por não viuerem sentidos.

Esta penção, ou para dizer melhor este azar anda auinculado á grandeza: não ha septro a que não siga a lisonja, não ha soberania, sobre que não domine o engano, com tão venturosa desgraça, que ordinariamente alcança a materia, o que poderá ser não alcáçará a verdade, por isso nas cortes do mundo he cousa tão ordinariao verse o vicio triũfante, & a virtude queixosa, por isso ha tanta multidão de enganados, & ainda maior de enganosos. Venturosa Monarchia (& sem tirarmos os olhos de Portugal podemos ver este exemplo) venturosa Monarchia, cujos Principes fazem tanta estimação das verdades, ou custem ou lisongeem, que o meio mais efficaz para a valia, he o dizerlhas, & para o desagrado o encobri-las: cujos vassallos, aquelles a quem isto pertença, assi amaõ aos seus Principes, que não se contentaõ só com lhe serem fieis, senão tambem com lhe serem verdadeiros. Em os outros Reinos do mundo não serão validos os Euangelistas, mas para os Reis de Portugal só os Euangelistas, foraõ, & são os validos. que justo he que hum Reino que he tão parecido ao de Christo nas armas que tem, o seja tambem neste priuilegio que goza. E para dar na razão da differença não me custou muito cuidado: os Principes de Portugal sempre tiuerão mais de Pais, do que tiuerão de Reis, & dizer verdades a hum pay, q̃ he Rei, isso facilmente o fará hum filho; mas dizer verdades a hum Rei que não he pai, esse prodigio não o póde fazer hum homem: por isso Christo quando hoje mostrou aos Principes de Iudea, que era Deos, não lhe disse que resuscitava mortos, senão que lhe dizia as verdades, porque só sendo Christo Deos como era, lhe pudera dizer as verdades que lhe dizia

zia: *Si veritatem dico vobis, quare non creditis mihi?*

Não posso deixar sem reparo estas vitimas palauras do the-
ma: *Quare non creditis mihi?* se eu vos fallo as verdades, porque
não credes em mim? Isto em Christo foi huma pergunta,
em mim he huma admiração. Se Christo a estes homens lhe
dizia as verdades, como não crem estes homens em Christo? *Chr i s t i s*
Sabem porque, diz S. Ioaõ Chrysofomo, porque não criaõ
os Iudeos, antes sentiaõ tanto o que Christo lhe ensinava?
porque Christo não lhe ensinava o que elles sentiam, &
os homens nas materias que nao são de seu gosto, não só não
querem que o que se lhe dis seja verdade, mas nem ainda so-
fiem que seja opiniaõ: *Rei displicentis etiam opinio reprobatur.*
Dice altamente Tertulliano, & se isto assi he como auzõ os *Tertul.*
Iudeos de crer a Christo as suas verdades, se o Senhor os re-
prendia de suas torpezas.

Tudo isto està muito bê dito, basta dizelo hum taõ grande
Doutor, & taõ grãde S como Chrysofomo, mas eu cõ sua li-
cêça tenho aqui huma grande instãcia: Pergunto, Christo em
confirmação de suas verdades não fazia taõ prodigiosas ma-
tauilhas? pois porque se não confundem estes homens, por-
que não desistem de sua obstinação, porque não daõ credito
a verdades confirmadas com tantos prodigios? Hora eu re-
soluime, & cuido que bem, que os Iudeos nunca crerão as
verdades de Christo, porque nunca viraõ os seus milagres, &
para tomar esta resolução, fundeime não menos que em huma
authoridade de Christo, na razão, na experiencia, & na Escrip-
tura: tudo mostro em duas palauras; vamos primeiro á razão.
Eu vim ao o mundo, disse Christo: (& he esta a authoridade
que prometi) eu vim ao mundo para dar olhos a quẽ não
tinha vista, & para tirar a vista a quem tinha olhos; *Ego veni
in mundum, ut qui non vident, videant, & qui vident caci fiant.* *Ioann. 6 11*
Difficultosa proposição! Christo tirou a vista à alguẽ no mû-
do? Não se apontará hum só exemplo: como se haõ de enten-
der logo estas palauras? mui facil solução tem: Com a vinda
de Christo ao mundo tiueraõ vista os cegos, & cegaraõ os

enuejosos, tiueraõ vista os cegos porque lhã restituiu Christo; com milagres cegaraõ os enuejosos, porque naõ viraõ os milagres de Christo: Esta he a rafaõ, & a authoridade, vamos à experiencia, & à Escritura. Acabou Christo de lançar prodigiosamente o demonio fora de hum homem, que auia muito tempo que estaua senhor de suas potencias, à vista de muitos Iudeos, & estes mesmos lhe pediraõ logo que fizesse o Senhor hum prodigio, porque o queraõ ver com seus olhos. *Volumus à te signum videre.* Pois homens, naõ acabou Christo agora de fazer hum milagre, para que lhe pedis outro? Pedẽ outro porque naõ viraõ este; eraõ inimigos, & eraõ enuejosos, naõ viraõ milagres.

Mat. c. 12

O como foi este mal dos Iudeos contagioso no mundo? Quantos olhos ha, que sem serem cegos, naõ saõ olhos! Depois que a nossa malicia deu em trocar a jurisdicção às potencias: para o objecto da vista importou pouco o ser que tinham as cousas: Eu me explico. Deos deunos a vista para que quizesse a vontade aquelle bẽ que vissem os olhos, & a nossa malicia fez com que naõ vissem os olhos, senaõ aquelle bem ou aquelle mal que quis a vontade: Naõ vemos para nos cõtentar, contentamonos para ver, auendo o conhecimento de preceder à vontade que assi o ensina a Philosophia. *Nihil volitum, quin præcognitum.* He em nos primeiro a vontade, & entaõ despois o conhecimento, & desta desordem grande, nasce aquella abominauel consequencia, que nunca os nossos olhos vem as cousas como ellas saõ, senaõ como queremos que sejaõ, por isso os Iudeos naõ viraõ os milagres de Christo porq̃ naõ queraõ que em Christo ouuesse milagres. Offenderaõse muito os Iudeos de que aquelle paralitico que curou Christo em o Sabbado (crime entre elles abominauel) viesse com o leito às costas, & reprehendendo desta culpa respondeo o homem que aquelle Senhor que lhe dera saude, lhe mandara leuar o leito: *Qui me sanum fecit dixit mihi. Tolle grabatum tuum; & ambula.* Interrogauerunt ergo eum: (a crecenta o Euangelista) *Quis est ille homo, qui dixit tibi: Tolle gra-*

Proloq.

Ioann. c. 5

gra-

grabatum tuum, & ambula? Ditas cousas disse aqui aos Iudeos o paralitico, & elles perguntaráolhe só por huã: Dixelhe, que Christo lhe dera saude, *qui me sanum fecit;* & que lhe mādara levar o leito: *dixit mihi: Tolle grabatum tuum, & ambula,* & elles perguntaráolhe só por quem lhe mandara levar o leito, & não por quem lhe dera saude; Pois se ali auia duas cousas, hum preceito de Christo executado, & huma saude pello mesmo Senhor restituída, porque não pergunta aos Iudeos por quem lhe deu a saude, senão por quem lhe pos o preceito.

Hora eu persuadome fundado na doutrina de Hugo *Carenf hic,* rense neste lugar: que estes homens por huma so cousa perguntaráo, porque huma só cousa viraõ; E isto porque? (ainda não fechamos o pensamento) porque não virão o paralitico, com a saude restituída, só o viraõ com o leito às costas? Direi o que sinto: Dar Christo saude ao paralitico era milagre, mandarlhe em o sabbado levar o leito na opiniaõ dos Iudeos, era huma culpa de Christo, & como elles queriaõ a Christo só culpado, não milagroso, por isso não vem a Christo como milagroso, vemno sò como culpado: se o odio dos Iudeos lhe não trocara a disposiçaõ da natureza, queria a vontade aquillo que vissem os olhos, mas como o seu odio lhe descompos as potencias, não viaõ os olhos senão o que queria a vontade, por isso não vem em Christo milagres, senão culpas, porque queriaõ que Christo tiuesse culpas, não queriaõ que obraffe milagres, & como só as culpas vem, só pellas culpas perguntaõ: *Vbi est qui dixit tibi, &c.* Culpas digo na sua opiniaõ, que em Christo nunca ouue, nem podia auer sombras de culpa. Esta he logo a rafaõ porque confirmando Christo o que dizia aos Iudeos com tantos prodigios, nam criaõ as suas verdades, com escandalo do mundo, & com queixa do mesmo Christo. *Quare non creditis mihi.*

Antes estiuerãõ tão longe de crer ao Senhor, que o quize-
raõ apedrejar. Grande, & lastimosa materia se me offerencia aqui para discorrer, mas tenho acabado o Sermam, só em hu-

na cousa reparo, & com ella concludo. Em premio de Christo dizer aos Iudeos as verdades, lhe quizerão elles tirar com pedras, fugiolhe o Senhor, & não de qualquer sorte, se não fazendo hum milagre, porque diz o doutissimo Maldonado, que se fizera inuefiuel: Mas como assi: Christo não sabe muito bem, que está seguro de morrer? mui bem o sabe. De que foge logo o Senhor: E não de qualquer sorte, se não fazendo hum milagre? O que alto documento deu Christo aos Principes do mundo nesta occasião! Quando Christo está seguro então faz milagres para se segurar, que os Principes fação milagres para se segurar quando estiuerem seguros, ja eu disse algum hora discorrendo mais largamente sobre esta materia que não nos auia de fazer descuidados, ver-nos seguros, antes que quanto fosse maior a segurança, tanto auia de ser maior a cautela, porque para quem politicamēte discorre, mais he para temida huma segurança, que para receado hum perigo, está euidente a razão; porque o perigo faz temerosos, & a segurança faz confiados, & em nenhuma cousa está mais certa a ruina, que na confiança, assi como em nenhumi cousa está mais difficultoso o perigo, que no receio. E daqui vem que melhor he muitas vezes para vencer huma fraquesa de confiada, que hum valor presumido, porque a desconfiança, a cautela, & a presunção facilita; a confiança faz valente a maior fraquesa, a presunção faz fraca a maior valentia. Não ha duuida que em respeito do Gigante Goliath, que era Dauid mui inferior nas forças, & nas armas, por em com isto ser assi, deu o Pastor galhardo por terra com aquella maquina disforme, com aquella soberba arrogante, porque Dauid em o combate entrou desconfiado, & o Gigante entrou presumido. *Despexit eum in corde suo.* E mais effeito parece que faz huma pedra tirada com desconfiança, que huma bala tirada com presunção, porque a desconfiança dà brios à maior fraqueza, & a presunção tira alento à maior valentia. O parto admiravel de huma confiança necia? quãtas monarchias tēs arruinado, quãtos exercitos tēs destruido.

Nam

Mald. in
hoc c.8.
Ioann. n.
141.

Naõ nos auemos de descuidar logo ; por nos imaginarmos seguros, antes quando nos virmos mais seguros, entã auemos de viuer mais desconfiados, entã auemos de andar mais cuidadosos : Auemos de temer as seguranças ainda mais que os perigos. Dauid antes de Rei nos deu o primeiro exemplo, & despois de Rei nos dará a confirmação.

El Rei Dauid quando celebrou pazes com Saul, entã diz a sagrada Escriptura que buscou para viuer os mais seguros lugares : *Dauid, & viri ejus ascenderunt ad tutiora loca.* Pois agora que tem com o Rei celebrado pazes, trata Dauid de se segurar mais, que quando tinha com elle tam viua guerra? Si, porque agora vese Dauid seguro, na guerra via-se Dauid perigoso, & como era discreto, & experimẽtado Dauid, mais temia a segurança, do que receua o perigo: muito se segurou quando se vio arriscado, mas mais se quis segurar quando se vio seguro : Assi o fez entã Dauid, & assi o fez hoje Christo, seguro estaua o Senhor de morrer, mas por isso mesmo, porque estaua seguro de morrer faz milagres para se segurar.

1. Reg 6.24

A todos os Reinos do mundo he muito importante este auiso, mas ao nosso Portugal mais importãte, segura está a Monarchia Portugueza de passar outra vez ao dominio estranho, porque alem de o dizerem assi as Profecias, nisso tem Deos empenhado sua diuina palaura, & o patrocínio de sua mãõ poderosa ; porem he necessario aduertir, que o estarmos tam seguros nos naõ ha de fazer descuidados, antes entã, quando nos virmos seguros, como fez Christo, auemos de fazer milagres para segurar a nossa segurança, auemos de obrar prodigios para eternizar nossa conseruação.

Assi se faz, & assi espero eu em Deos que se ha de fazer cada dia com maior cuidado, quando na experiencia de tam acertados arbitrios virem os que vem, & julgam de fora, que temos Rei, que sabe ouuiras verdades, que sabe escolher com prudencia, & que sabe obrar com acerto. Mas sobre tudo isto, para

paraque chegüemos a lograr a posse de tam bẽm logradas es-
peranças, & vejamos a execução de tam grandiosas promesas,
he necessario viuermos muito vnidoscom Deos, mui con-
formes com sua vontade, mui ajustados a seus preceitos, &
mui agradecidos a seus beneficios, paraque vendo elle em
nós este agradecimento possa continuar seus fauores, conser-
uando o nosso Reino, prosperando as nossas armas, restituin-
do as nossas conquistas, & finalmente que he o bem de maior
importancia, dandonos nesta vida muita graça, que he certo
penhor da gloria. *Ad quam nos perducat Pater, & Filius, & Spi-
ritus Sanctus. Amen.*

LAVS DEO.

